

## **RELAÇÃO ENTRE O COMPONENTE ARBÓREO E VARIÁVEIS AMBIENTAIS NO PLANALTO SUL CATARINENSE - Etapa III: Distribuição espacial da regeneração natural em áreas de transição floresta x campo**

Ana Carolina da Silva<sup>1</sup>, Janaína Gabriela Larsen<sup>2</sup>, Pedro Higuchi<sup>3</sup>, Juliana Pizutti Dallabida<sup>4</sup>, Karine Souza<sup>4</sup>, Rodineli Loebens<sup>4</sup>, Luiz Carlos Rodrigues Júnior<sup>5</sup>, Vanessa Fátima Soboleski<sup>4</sup>, Felipe Fornara Walter<sup>5</sup>

<sup>1</sup> Orientador, Departamento de Engenharia Florestal, CAV – carol\_sil4@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Engenharia Florestal, CAV - bolsista PIBIC/CNPq

<sup>3</sup> Professor Participante do Departamento de Engenharia Florestal, CAV

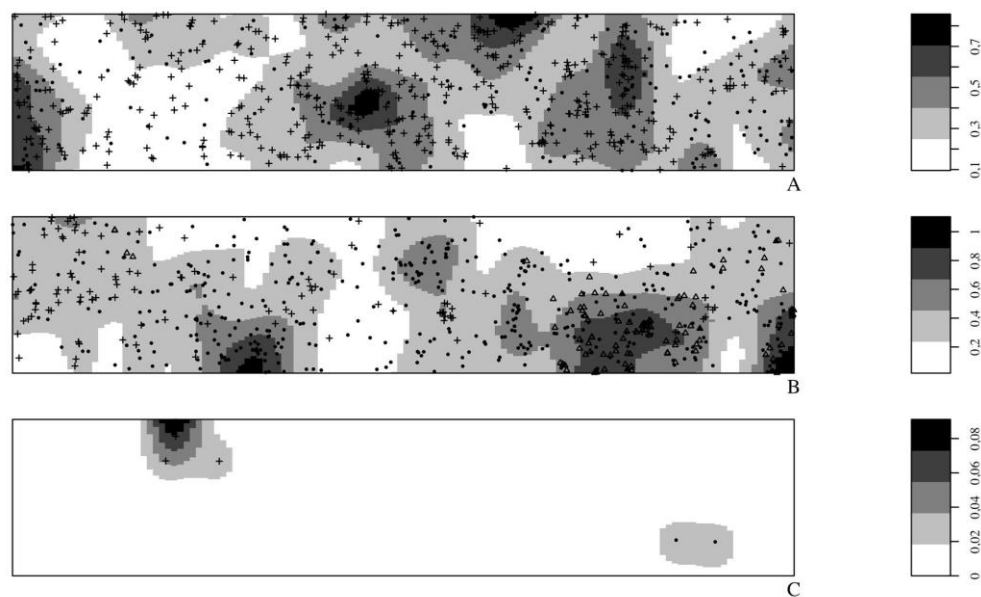
<sup>4</sup> Mestrando em Engenharia Florestal, CAV

<sup>5</sup> Acadêmicos do Curso de Engenharia Florestal, CAV

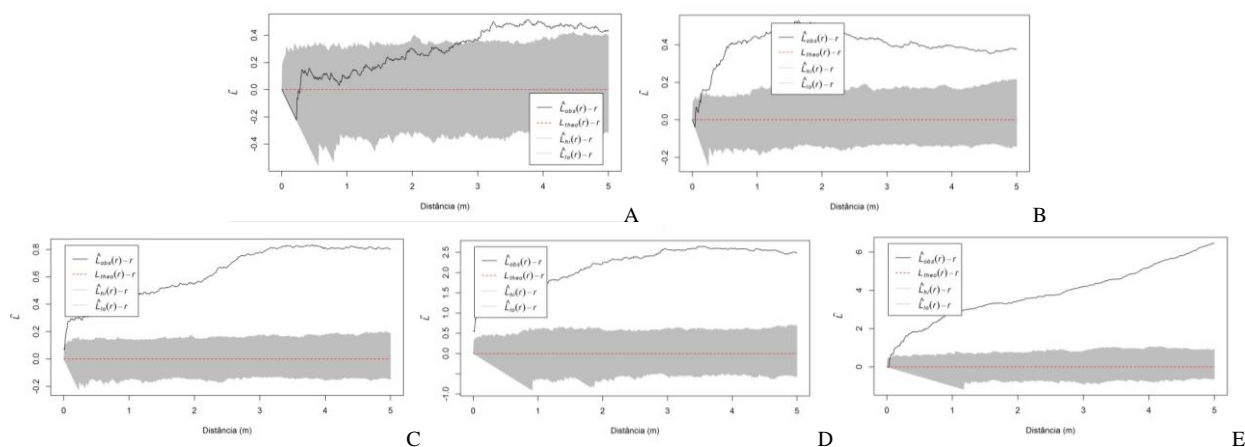
Palavras-chave: Floresta Ombrófila Mista. Síndrome de dispersão. Distribuição espacial.

O presente trabalho teve como objetivo analisar a distribuição espacial dos indivíduos regenerantes arbórescentes anemocóricos, zoocóricos e autocóricos em três áreas de transição floresta x campo, no Parque Nacional de São Joaquim, SC. No passado, as áreas 1 e 2 eram de Floresta Ombrófila Mista Alto-montana, e ambas foram desmatadas e transformadas em campo para a pecuária. Em 2007 foram isoladas e, atualmente, é encontrada regeneração natural de espécies lenhosas. A área 3 sempre foi um campo natural utilizado para pecuária e, apesar de protegida, atualmente continua com predominância de herbáceas. Todas as áreas são adjacentes à fragmentos florestais e, em cada uma, realizou-se o levantamento da regeneração de espécies lenhosas em uma transecção de 20x100 m alocada perpendicular à borda do fragmento. As transecções foram subdivididas em parcelas de 10x10 m e nestas amostraram-se todos os indivíduos regenerantes lenhosos com mais de 20 cm de altura e DAP (diâmetro a altura do peito, medido a 1,30 m do solo) < 5 cm, que foram classificados, conforme suas síndromes de dispersão, em zoocóricos, anemocóricos ou autocóricos, e tiveram suas coordenadas espaciais x e y obtidas. A análise dos dados foi realizada por meio da função K de Ripley univariada para as áreas 1 e 2, com correção de borda, plotando-se os gráficos da distribuição espacial e o envelope de completa aleatoriedade espacial, com 999 simulações, o que representa significância de 0,05. A área 3, pelo reduzido número de indivíduos amostrados, não foi analisada. A área 1 apresentou 204 indivíduos anemocóricos (29,44%) e 489 zoocóricos (70,56%) (Fig. 1A). A predominância de zoocoria é comum em florestas tropicais e subtropicais do Brasil. Na área 2 foram amostrados 463 indivíduos anemocóricos (66,43%), 130 zoocóricos (18,65%) e 104 autocóricos (14,92%) (Fig. 1B). Nessa área, a predominância de indivíduos anemocóricos se deu devido ao elevado número de indivíduos pertencentes ao gênero *Baccharis*, comum em áreas em estágio inicial de sucessão. A área 3, por sempre ter sido campo natural, apresentou apenas dois indivíduos anemocóricos e quatro zoocóricos (Fig. 1C), não indicando que a floresta esteja em expansão sobre essa área de campo. As guildas de dispersão apresentaram o predomínio de distribuição

agregada nas áreas 1 e 2. A distribuição aleatória de indivíduos foi observada apenas em pequena escala espacial (<3,5 m) para anemocóricas e zoocóricas na área 1 e autocóricas na área 2. O fato do padrão espacial agregado ter se destacado sugere que a regeneração natural nas áreas campestres é facilitada pela presença de elementos nucleadores, observados à campo, que atuam favorecendo a presença da fauna e criando condições microambientais favoráveis ao estabelecimento de plantas.



**Fig. 1** Distribuição espacial dos indivíduos anemocóricos (círculos fechados), zoocóricos (cruz) e autocóricos (triângulos abertos), nas áreas 1 (A), 2 (B) e 3 (C), no Parque Nacional de São Joaquim, Santa Catarina.



**Fig. 2** Envelopes de completa aleatoriedade espacial, para cada síndrome de dispersão por área, onde A= anemocóricos da área 1, B= zoocóricos da área 1, C = anemocóricos da área 2, D = zoocóricos da área 2, E = autocóricos da área 2. A linha preta representa a distribuição espacial observada, sendo que quando esta se encontra dentro do envelope cinza, representa uma distribuição aleatória. Acima do envelope, representa distribuição agregada, e abaixo, regular. A linha vermelha representa um valor teórico de uma distribuição aleatória.